O MOÇO DE SALVADOR

FLORENCE BERNARD

HÁ ALGUNS MESES, levada por um amigo, tive oportunidade de ouvir aquêle rapaz extraordinário que, depois, impressionada, designei numa crônica como «a voz de Deus». De tôdas as partes do Brasil chegaram-me cartas identificando o moço, a quem eu não dera um nome, e fornecendo-me ainda alguns dados sôbre a sua pessoa. Julgaram-o eu um desconhecido, e as cartas que chegaram do Amazonas, do Ceará, de Pernambuco, de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul, identificando-o, surpreenderam-me.

Agora, pude ouvi-lo de novo. Aqui no Rio mesmo. Quis certificar-me de que não fôra um entusiasmo apenas aquela primeira impressão: convenci-me de que estava diante de um predestinado.

Divaldo. Nome de um moço de olhos risonhos e jeito manso, moço simples, moço comum, dêsses que passam por nós a tôda hora, correndo atrás de uma condução, esperando sua vez numa fila, sentado ao nosso lado num restaurante; nada especial nos gestos, na roupa ou no andar. No auditório do Ministério de Educação, lotado, fôle seria talvez o de ar mais simplório e afável. Falava de Maria; a Rosa Mística de Nazaré. Não como um doutor a ensinar verdades, não com têrmos místicos para exaltar os fanáticos. Contou apenas a vida de uma mulher, expôsa de carpinteiro e mãe d'Aquele que amou a humanidade; contou com detalhes tão vivos, tão bonitos, como se lá tivesse estado, quase chorando às vêzes, e arrebatado quase sempre. Homens e mulheres, como eu, ouviam-no silenciosos, presos às palavras que eram ternura e consôlo; velhos, jovens, pobres alguns, ricos outros talvez, todos se sentindo naquela hora iguais e irmãos. E lembrei as minhas próprias palavras, ao terminar o artigo que escrevera sôbre a minha primeira impressão do orador: «que haverá com êsse moço, meu Deus?».

Desta vez, quis conhecer Divaldo pessoalmente; do moço que sorri como um menino, soube então a história, que de tão bonita quero contar aqui: existe na Bahia uma velha casa onde quase uma centena de crianças têm o seu lar: não essas crianças sadias e bem vestidas, que não conhecemos, cercadas dos desvelos de papais e mamães dedicados. Não. São essas crianças de olhar pesado de tristezas, das ruas de todo o mundo, e também do nosso Brasil — especialmente do nosso Brasil — que nos interrompem por vêzes uma gargalhada fútil, ao deparáis caladas e andrajosas, assistindo a alegria dos que passam, elas que não sabem sequer o que seja um riso; são as crianças sem infância, as crianças sem pais e sem lar. Pois para elas, êsse moço Divaldo arranjou aquela casa antiga, numa rua de Salvador, tirou uma senhora que a pudesse cuidar, vestir, alimentar, ensinar a ler; do amor, cuida êle. Porque de nada adiantam uma casa, roupa limpa, comida e livros para uma criança se não lhe dão amor. Divaldo não é rico e não ser de amor o bondade; dá-lhe o que tem e dá-lhe tudo.

Também de um lar para os velhos pobres e sózinhos, lembrou o moço Divaldo: Lar Francisco de Assis. Das vêzes que fui a Salvador, não conhecí êsses lugares sôbre os quais agora escrevo porque não sabia que existiam. A propaganda conta dos praias, fala da beleza dos mulheres, aprecos o confôrto e as linhas modernas dos seus hotéis de luxo, fala de tudo, mas não fala de um homem bom que lá vive.

Foi uma senhora suíça, que viu de perto e se deixou tocar pelo idealismo de Divaldo que me contou tudo isso, naquele mesmo auditório do Ministério da Educação; o moço baiano nada falou de si, nem sei se percebeu que eu o olhava comovida.

Divaldo Pereira Franco. Certa vez, ouvi do coronel Manuel José de Almeida, fundador das Escolas Caio Martins, de recuperação do menor no Estado de Minas, um dos mais sinceros e leais batalhadores pela causa da infância abandonada, esta frase:

— Nós, os que desejamos e procuramos o Bem, dentro das nossas possibilidades, formamos uma grande família universal; por êste ou aquêle caminho sempre um dia nos encontramos, atraídos por uma força que é a própria razão da nossa luta». A essa família, de nomes ilustres como Eunice Weaver, e incansável diretora-presidente da Federação de Assistência aos Lázaros e fundadora dos Preventórios para os filhos dêsses Lázaros; Helena Antipoff, coronel Manuel José de Almeida, aquêle grande e humilde carente que sua sandálias porque com o dinheiro dos sapatos compra mais livros para os meninos sem lar dos areiais de Fortaleza — o Zé-Gotinha, pobre sem bai — e outros, e tantos outros abençoados apóstolos, que por êsse interior vasto ou por estas ruas bulientas, se entregam ao grande e nobre mister de fazer o bem, o essa grande família junta-se êste moço simpático, de riso ingênuo e olhos infantis, o «tio Divaldo» da criançada pobre da Bahia.

Quando o ouvi falar, eradar impressionante arrancando lágrimas dos olhos fêrezes de velhos generais e sucudindo a alma experiente de quem já descrê de tanta coisa, admirei-o surpresa; agora, conhecendo-lhe o apostolado — para jovens como êle há tantos oratórios, tantos caminhos com menos espinhos neste mundo! — respeito-o como deve ser respeitado um idealista honesto e sincero.

Não estou fazendo a propaganda, do moço, vejam bem! História como a sua não precisam dêsse recurso vulgar de propaganda: divulga-se, espalha-se porque a Bondade ainda é, por mais que se calunie o ser humano da atualidade, a chave que abre o seu coração e a senha que o faz depôs as armas do ódio e da ambição.

Há os que descrêem; há os que têm medo de crer porque não querem que se desiludir. A uns e outros eu gostaria de levar para ouvir êsse moço. Se as suas palavras não lhe tocarem o coração, se as suas verdades não lhe umidecerem os olhos, então só lhes restará chorar sôbre si mesmo porque já não lhes resta nada do ser humano que foram.

Mas eu quase tenho certeza de que isso não aconteceráf. Porque a mim não aconteceu. E eu descria. E eu mesma tinha medo de crer porque não queria mais decepções.

Tapeçaria de Lurçart

A ARTE DA TAPEÇARIA NA FRANÇA

JEAN LE GUEVEL

HÁ uma vinte anos, quem, fora da França, pensava em Aubusson, velha cidade do interior? À margem do Creuse, pequeno rio que não perturba o turbilhão das hélices, a pitoresca cidade dormia, embalada pelas lembranças e a canção da água desliando por baixo dos arcos de suas pontes...

Alguns visitantes, lembrando-se que Aubusson havia ido até o último século uma das capitais da tapeçaria, desejavam visitar as oficinas com os bastidores, porém se lhes respondia que quase tôdas foram fechadas por falta de encomendas. Foi então que alguns renovadores atrevidos — entre êles o pintor Lurçat — restituíram a vida àquela bela adormecida.

O mérito de Lurçat e a sua pléiade de artistas foi o de perceber que, para salvar a tapeçaria precisava retomar contacto com as grandes tradições dos séculos XIV e XV, sem todavia copiar servilmente os temas que fizeram a glória dos artezões da grande época. Ainda o outro dia, Lurçat dizia: «Tradição não é cópia e sim renovação».

Nessa época tem suas preocupações particulares, suas angústias e suas esperanças, um ritmo de vida própria, um conhecimento e uma concepção nova do mundo, coisas que devem ser traduzidas em símbolos originais. Também devemos saltear que os clientes de Lurçat, Gromaire, St. Saens, Picard, Le Doux... não são mais grandes senhores e nobres dama, porém companhias de transporte, marcas de rádio ou televisão, bancos e o comércio internacionais. As superfícies a serem cobertas são os halls de câmeras de comércio ou de Parlamentos.

A igreja também compreendeu o interêsse de tal renascimento e artistas ateus não podem pedir a Aubusson que reproduza suas inspirações místicas.

Na cidade outrora sonolenta, os pedidos chegam em quantidade e dão trabalho a cêrca de sessenta oficinas, porque os países estrangeiros não deixaram de tomar interêsse na renovação da tapeçaria francesa como se encontra prova, cada dia, no sucesso encontrado pelas exposições que se fazem em muitos lugares.

INFÂNCIA REENCONTRADA

(Conclusão da 2.ª página)

aspectos: tradicional, folclórico, popular, amador, etc. e objetos como sejam: máscaras, marionetes, programas de teatro, etc. Os vários departamentos da Escola trabalham homogêneamente para documentar uma realidade brasileira. Com isso espera que desponte no trabalho de criação uma nova literatura dramática brasileira e também que nasça uma forma de representação sem sotaques estrangeiros. Artistas brasileiros com voz e fala brasileiros.

Enquanto esta conversa se desenrola, vamos visitando — Martim Gonçalves e eu — a casa onde está provisòriamente instalada a Secretaria da Escola de Teatro; as salas e a biblioteca estão localizadas no andar térreo da Reitoria enquanto não fica pronta a casa onde essa escola se instalará dentro em breve: o solar Santo Antônio que está em plena reforma e abrigará a Escola com seus professôres, teatro, salas de aulas, bares, camarins, e inclusive um local para exibições folclóricas. Desde logo devo declarar aos leitores que o trabalho de Martim Gonçalves ali é não apenas surpreendente (não é muito comum encontrar em brasileiro um tal grau de organização) mas dá para entusiasmar qualquer pessoa por mais indiferente que seja.

Assim na discoteca que é a mais completa do Brasil, vejo os discos, um mundo de discos com todo o teatro clássico, os modernos (franceses, inglêses, espanhóis e italianos). Todo o Jouvet, todo o Teatro Popular Francês, de Jean Vilar, todo o repertório de Old Vic. Martim Gonçalves, ano passado, estêve na Europa levando como uma das suas incumbências, trazer para a Escola de Teatro da Bahia essa magnífica e fabulosa biblioteca de teatro em discos.

— Temos ainda, comenta M. G., uma boa coleção folclórica brasileira. Três instituições brasileiras receberam da UNESCO todo o folclore do mundo em discos: o Instituto Nacional de Música do Rio, a Biblioteca de São Paulo e a Escola de Teatro da Universidade da Bahia. Na Europa comprei o resto.

Aprendo então uma coisa que eu não sabia: o grande prêmio de disco de 1955, na França, se chama «Amazone» e foi realizado por Bertrand Flornoy, do Museu do Homem colhendo, na Amazonas, festas e cânticos indígenas. Também em 1956 o grande prêmio do disco dado pelo govêrno francês (produções Museu do Homem) coube a um «long-plays» sôbre danças e ritmos populares da Bahia.

Além disso a Escola possui um aparêlho cinematográfico projetando filmes sôbre a História do Teatro e trechos de peças representadas por grandes atores. Pergunto a Martim Gonçalves:

— O que você chama de «documentação dramática»?

— Um fichário no qual uma equipe trabalhará organizando acontecimentos ocorridos em qualquer setor da vida humana e que possam interessar ao escritor de teatro. Notícias de jornais, observações diárias, filmes colhidos aqui e ali. Êsse fichário estará sempre à disposição dos autores que queiram não buscar fatos ou feitos vividos.

— E a finalidade do Museu da Escola?

— O nosso interêsse nesse setor do museu se dirige especialmente à realidade brasileira no que diz respeito à música, teatro, trajes indígenas, portuguêses e negros. Já possuímos máscaras africanas e máscaras balanas que têm aqui grande importância, considerando a influência da cultura negra na Bahia e em todo o Brasil.

Deixamos a secretaria da Escola e vamos ao andar térreo da Reitoria onde estão instaladas as salas de aulas e a Biblioteca. Nas estantes centenas de livros se enfileiraram organizadamente: aqui Histórias do teatro de vários autores em várias línguas, e mais o teatro completo de Bernardo Shaw, Pirandelo, Brecth, Molière, Racine, o teatro clássico grego e também os modernos e os de vanguarda; há em outra todos os livros de teatro publicados no Brasil e ainda Histórias da literatura brasileira, Histórias da literatura universal e muitos livros de poesia nacional e portuguêsa.

Ali se realizam os cursos diversos. Assisto uma aula de Ana Edler sôbre dicção. Os alunos são os mais diversos: há mocinhas de longos cabelos, uma ou duas senhoras, uma inteligentíssima mulher preta que quer saber de tudo e a tôda hora faz perguntas, há jovens de várias idades e marcados por várias profissões. Dia seguinte assisto uma aula de Martim sôbre interpretação. Chego a ficar comovida. Depois da explanação, os alunos erivam Martim de perguntas. Há trinta pessoas na sala e cada uma delas está consciente e enamorada pelo teatro, a tal ponto que não há perguntas ingênuas sem tôlas; o que querem saber é como interpretar esta passagem de Shaw, aquela de Claudel ou o pensamento de Brecht, neste ou naquele trecho.

Mas voltemos à conversa com Martim Gonçalves. Ele conta:

— Este ano continuam as aulas de dança para teatro e há um novo curso: ritmo, que é dado pelo professor J. H. Koellrevnther. Há um programa organizado para cinco anos da Escola de Teatro. Durante os três primeiros anos trabalharemos no Solar Santo Antônio, num edifício adaptado com teatro próprio e duzentos e cinquenta lugares na platéia. Chamo a isso a Laboratório da Escola. Terremos então um controlador eletrônico de luzes, o primeiro a ser instalado na América do Sul. Nesses três anos será construído nos terrenos da Universidade do Vale do Canela, além dos outros edifícios da Universidade (escolas de odontologia, farmácia, direito, etc.) o Centro das Artes no qual está incluído a Escola de Teatro com o seu pequeno teatro experimental e um teatro para uso geral dos seminários de música da Universidade, espetáculos de ópera e dança e pelas companhias que por aqui passarem. Será também construído um grande auditório ao ar livre destinado aos grandes espetáculos e grandes concertos para o grande público.

— Quantos alunos inscritos na Escola de Teatro?

— Noventa e seis, mas a freqüência diária varia de 60 a 68, divididos em duas turmas. Há também alunos vindos do Rio, como Roberto Viana, Otoo Bastos e outros. Temos alunos de tôdas as classes sociais: do Barra — (gráfinos) — e do Dique — (nobres) e de tôdas as côres. Alunos de dezoito a sessenta anos e o que acho formidável aqui, o que me faz ficar em Salvador — trabalhar de 8 da manhã à 1 da madrugada, é que encontrei gente de imensa sensibilidade, sem deformações, sem sofisticações.

E' realmente espantoso como aquela equipe trabalha, como é difícil encontrá-los fora da escola. Estão sempre ocupadíssimos. Martim Gonçalves diz ainda:

— O teatro é um instrumento de democratização e aqui êsse conceito se realiza mais ampla e profundamente do que em qualquer parte do mundo.

A Escola de Teatro de Salvador realiza, também, aulas publicas, estabelecendo assim contacto entre o povo e os alunos através de seminários dramáticos que se realizam todos os domingos onde os alunos interpretam cenas que são comentadas pelos alunos e pelo público geralmente sob a direção de Martim Gonçalves. Essas aulas públicas entusiasmam tôda gente.

Agora visitamos o Solar de Santo Antônio cheio de operários trabalhando na remodelação e adaptação da casa. Ali vai ser o Teatro Santo Antônio, que será inaugurado em setembro com a seguinte programação: «Senhorita Julia», de Strindberg, «A boa alma de Se-Tchuan», de Berioid Brecht, «Lazaro», de Francisco Pereira da Silva e «A Almanjarras», de Artur Azevedo.

Muito mais do que isso posso contar sôbre a Escola de Teatro da Universidade da Bahia. Estive em sua secretaria, remexi a discoteca, vi carinhosamente a biblioteca, vi, num enorme classificador, um mundo de peças traduzidas e organizadas, e de tudo o que vi e sentí ali, posso garantir que Martim Gonçalves está realizando uma das mais belas obras que o teatro brasileiro jamais possuiu. O que caracteriza a Escola de Teatro de Salvador é a disciplina, a organização, a maneira pela qual tudo o que diz respeito ao teatro está preparado, pronto para servir. Não é uma instituição estática: é uma poderosa fôrça dinâmica. Grande realizador Martim Gonçalves e sua equipe de jovens pioneiros do teatro na Bahia. Não nos iludamos: dentro em pouco a Bahia estará dando ordens ao teatro no Brasil.

Jeringonça Militar? Não

JOSÉ JAMBO DA COSTA

(Especial para o "Diário de Notícias")

PUBLICOU o sr. Umberto Peregrino, em 9-VI-1957, neste jornal, um artigo sob o título «Gíria Militar». Tratou, no mesmo, de 36 vocábulos e expressões colhidos, segundo sua confissão, na antiga Escola Militar, de Realengo. Não me parece ajustar-se a particularização da epígrafe à matéria versada pelo diretor da Biblioteca do Exército. Como o referido militar e escritor está empenhado em publicar um livro sôbre o assunto, as considerações que, aqui, deixo, devem ser tomadas apenas como um brado de alerta, jamais por simples desejo de contraditar algum. Meu propósito é que a futura obra do sr. Peregrino surja escoimada de falhas e excessos. Está em pauta nosso patrimônio comum — a língua, pouco importa tenha surgido nos quartéis, nas ruas ou nas escolas. Em se tratando, como é o caso, do levantamento da fala prógria dos militares, todo o rigor no registro é pouco.

Das palavras arregimentadas no artigo citado muitas são, realmente, de origem e uso exclusivo de militares: outras transpuseram os limites dos quartéis, v. gr., trasejado (e trasejar, ajunte-se). Mas, várias delas, há de convir o sr. Umberto, ao demorar em seu estudo, ou são da gíria cotidiantill em geral ou da gíria da Área fluminense (E. do Rio, D. Federal e E. Santo) com alargamento, posterior, da área. Pelo menos 10 dos vocábulos recolhidos pelo escritor patrício, diga-se francamente, não se enquadram na jerga militar.

ANTIGO, por esperto, sagaz, cauteloso, é gíria do povo em geral. Donde o dito irônico em relação aos faisos amigos: «Amigo... amigo... Eu sou mais santigo».

BEBER, na acepção de saber ou resolver perguntas formuladas, conheço desde os meus tempos de escola pública, em Nova Iguaçu (E. do Rio). E', apenas extensão semântica, pois o referido vêrbo sempre foi usado na fala coloquial no sentido de prestar tôda a atenção, de absorver as palavras de outrem ou de um escritor. No meio estudantil, até a ginásio, BEBER alternava com MATAR. Este tomado à linguagem dos charadistas.

BICIO, para designar estudante novo na escola, é do falar dos rapazes das faculdades nossas. Na de Medicina, ao meu tempo, bicho era o estudante novato até levar o trote geral, passando, do meio do ano para frente, à categoria de calouro. (Sem grande rigor nesta distinção). Às vêzes, recebia, também, os epítetos de lambeiga, esfaqueqeira e outros.

CRANIO, por pessoa que tudo sabe, culta ou muito inteligente, é dos meus tempos de aluno no Colégio Pedro II. Em vez dos antigos: é uma inteligência, uma cabeça... dizia-se: é crânio. Nas faculdades era, também, geral a palavra.

CRENCA, em lugar de temperamento intransigente, ou presunção, empáfia... perde-se nos tempos e é da gíria em geral.

CRENTE, para designar a pessoa intransigente, rigorosa... bem como o presumido, o cheio de si, enquadra-se no caso anterior.

PERUADA, no sentido de plada, dito engracado, ou simples aparto, é, igualmente, da jerga das ruas. Dal dizer-se que: «A receita da PERUADA requer sal ou jimenta plastas».

PERUADA figura na nossa Jeringonça ao lado de PERU, PERUAR e PERUADOR.

TESA, em referência ao indivíduo ou, particularmente, ao professor, chefe ou superior, que não releva a mínima falta, é gíria geral de estudantes e de uso antigo, que passou ao nosso falar. Não, apenas, de militares.

Sôbre êste vocábulo, ocorreme algo do meu ingresso no Externato de Pedro II. Recordo o fato, simplesmente, para documentar o assunto em tela. Não é endêsso à estudantada, que se refere a velho professor de matemática e autor de alguns livros sôbre a matéria. Contrariara o mestre com certeza, os estudantes, e os tratara com a severidade própria de seu corpo à Drummond de Andrade. Os «bichos», então, em grupo, na esquina da rua Camerjo com Marechal Floriano, ao compasso ligeiro, marcado com as mãos espaunadas sôbre os ombros, cantavam: C... T... E' magro, E' alto, E' trabiburro! Não sei Porque... Da TESA, corrupta TESAR. Tira DO TESADOR, TESACÃO.

TIRAR UMA TOILA, por admir, é antiquíssima expressão do nosso Interior, do meio rural, e que figura até em duas campeiras:

«Vê corré, no céu, as nuvens
E lacá a mais mais bonita
Pra tirá nela uma tóia,
Abracado à prenda minha».

TOMAR, na acepção de conhecer, saber, ser versado em, é da fala popular, não apenas da fala típica desta ciência maqueta.

Eis as observações que, ao meu sentir, merecia o artigo do sr. Peregrino. Com tudo prova de apêço ao futuro trabalho sôbre a gíria militar.

Uma Escola de

(Conclusão da 2ª página)

fiar um testemunho semelhante. Sou conterrânea, quase da mesma idade do autor de «Lady Godiva». Pelo acaso, li o romance na fazenda de meu irmão, à beira do Paraíba. Conferi-o com a paisagem e com as minhas mais caras reminiscências. Posso garantir que o romance está certo: êle me fêz encontrar uma infância que o tempo consumira.

(1) — Macedo Miranda, autor da Gaiola, romance, menção honrosa do Prêmio Orlando Dantas 1956, Livraria José.

Hotel Salisbury
123 West 43 rd Street
NEW YORK
Para estudantes e artistas
Apartamentos
Quarto $5 por dia
Quarto e Banheiro $7 por dia
$12 para dois - Suíte e quarto $15
Mensalidades: Sem
Aluguel permanente.
Cartas e Preços
Consulta de 1a ordem
Consulta sem Agente de Viagem
Telegrama: SALIHOT
TELEVISÃO INCLUIDOS

Memorial do Errante e a...

(Conclusão da 2ª página)

sua predestinação à alegria final.

Daí por diante, o poeta recusa-se a ser domado pelas frases («Frases de domar...»), a transportar o coração como um fardo (ou o coração é o fardo que carregas»,) e se insurge consigo próprio por se mostrar aquém do alcance de suas intuições (então alcanças a altura de um cismar...). De cego, que se reconhecia («Eu cego. Eu cego!), proclama-se vidente. O «Eu», encarcerado nas mazmorras do corpo, ganha a vastidão da coletividade plural, unificada continuamente pelo intercâmbio, e desdobra aos nossos olhos uma sucessão infinita de perspectivas radiosas.

«Cantam as amplidões, chaminés buscam
as nuvens torpedeadas, falam agora
meigos como os da brisa, o sol não cuida

e seu brilho é um só brilho sôbre todos
e em seu brilho um só brilho se reflete.
Já podemos viver, somos já outros.

Ou só agora somos nós. A terra
nos dá de novo a forma que não tínhamos
ou que cedo perdêramos. A terra.

Até que se identifica a visão poética com o testemunho, o verso com um depoimento dilacerante:

«O' praia dos iguais! muitos apelos
de exaustos corações formam as ondas
que buscam teus romaneos, sem rochedos.

Nas extensões do amor, enfim os homens
mais fundamente vivem. Sopral, brisas!

Pode-se afirmar sem exagêro que em nenhuma ocasião anterior a dicção de Afonso Félix de Sousa atingiu tal fluidez. Os decassílabos, penetrados de mobilidade que se restabelece indefinidamente, graças ao jôgo versátil das tônicas e no encadeamento produzido pela finíssima orquestração das rimas tonntes, no manejo das quais o poeta talvez só seja excedido pela extraordinária Cecília Meireles, — sucedem-se moldando as estâncias em totalidades íntegras que, não obstante, se transfundem sempre na subsequente, em busca de sua plenitude. A estrofe, por conseguinte, ao mesmo tempo que se diria uma gema lapidada a aureolar-se com tôdas próprias transparências, se aparenta a uma onda engolfando-se na que lhe é limítrofe e, dêsse modo, nela contida ab ovo.

O propósito central do poema — a subjetivação da realidade histórica sob o prisma da vidência lírica — é atingido em cheio pelo sortilégio da rigorosa arquitetura do verso.

O número e a inspiração celebram, assim, as suas núpcias nas entranhas do verso.

Essa observação final — numa síntese crítica do livro — cerige-se em postulado que se afirma válido em tôda a extensão do Memorial do Errante, digno exemplo de arte que, ao contrário de repulirar-se nos coxins adamascados do alhemento, trasuda, projeta-se, sem intermitência, no humano, como um dardo a decanar cêlere o coração da vida.

CARBAR — O Rei das Meias
Meias para homem, tamanho único (Espuma), antiga 35,00
Meias espuma para criança, usão de 1 a 3 anos 35,00
Meias espuma para criança, usão de 8 a 10 anos 40,00
RUA GONÇALVES DIAS, 74 — SOBRADO
(Entre Ouvidor e Rosário)

O MELHOR WHISKY ESCOCÊS

Chegou à sua mesa
a chuva de estrêlas

COM PRÊMIOS
PARA TÔDA A FAMÍLIA

É a grande novidade do momento, agora V. abre a sua lata ARMOUR — e além de qualidade, sabor e pureza — ainda pode encontrar milhares de cruzeiros em prêmios. Sim, é uma verdadeira chuva de estrêlas... e V. tem a ocasião de achar a sua boa ESTRÊLA ARMOUR!

Quanto vale a sua ESTRÊLA ARMOUR?
Vale muito! televisores, geladeiras, máquinas de costura, aspiradores, rádios, liquidificadores, aparelhos de porcelana para jantar, chá e café e carrinhos para chá. 1 milhão e quinhentos mil cruzeiros em prêmios!

4 sugestões ARMOUR:
Flambrada (carne bovina)
Feijoada
Salsicha tipo Viena
Passêgo Target

Agora em sua casa
a boa estrêla
ARMOUR
Carta Pat. - 230 e 183
mais sabor... mais qualidade... mais prêmios...

Título
"Infância reencontrada" matéria sobre a implantação da Escola de Teatro no solar Santo Antonio publicada no jornal Diário de Notícias em 21 de julho da década de 1950.

Fonte
Biblioteca Pública do Estado da Bahia

ID
72146

POPULAR/MODERNO, CIDADE/UNIVERSIDADE
UFBA
70